

Economia de Comunhão

uma cultura nova

ECONOMIA DE COMUNHÃO
• UMA CULTURA NOVA
Ano XII • n. 2 • novembro
2006 • publicação quadri-
mestral de cultura •
Suplemento da Revista
Cidade Nova

Diretor responsável:
Alberto Ferrucci
Endereço para
correspondência:
Rua Igino Giordani, 210
06730-000 - Vargem
Grande Paulista - SP
Fone: (11) 4158.3198
m.focolares@terra.com.br



24



24/06

Economia de Comunhão
uma cultura nova
Ano XII – nº 2 – novembro 2006
Suplemento da Revista Cidade Nova

Diretor responsável:
Alberto Ferrucci

Endereço para correspondência:
Rua Igino Giordani, 210
06730-000 – Vargem Grande Paulista – SP
Fone: (11) 4158.3198
m.focolares@terra.com.br

INDICE

3 Cartas do Mundo
Carla Bozzani

4 Os 15 anos da EdC
Alberto Ferrucci

5 Um caminho de comunhão na liberdade
Chiara Lubich

6 Economia “carismática”
Luigino Bruni

8 O milagre da Tassano
Silvano Gianti

11 Páginas vivas da história
Bob Kennedy

12 Contratos, amizades e gratuidade
Luca Crivelli

14 Notícias do Brasil
Armando Tortelli

15 Os seis anos da Rotogine
Rodolfo Leibholtz

16 Inauguração do Pólo Lionello
Cecilia Cantone Manzo

17 Uma escola para empresas sociais EdC
Silvano Gianti

18 Perguntem aos homens do mar
Giuseppe Argiolas

20 A profecia de Barnard
Giampietro Parolin

21 23 novas teses
Antonella Ferrucci

27 Cartas ao diretor
Alberto Ferrucci

CARTAS DO MUNDO

Carla
Bozzani

Trechos de cartas recebidas de quem participa do projeto EdC aceitando ser ajudado em alguma necessidade material, por meio dos lucros das empresas EdC e da contribuição dos membros do Movimento dos Focolares.

■ Podem ajudar a quem precisa mais do que nós

Temos uma grande gratidão por esses anos durante os quais fomos ajudados. A minha família pôde sobreviver e a minha filha está concluindo os estudos. Por enquanto esta ajuda não é mais necessária: podem ajudar a quem precisa mais do que nós.

(Filipinas)

■ Uma Providência que me mantém viva

Nesses últimos três anos da minha vida tenho uma enorme gratidão pela ajuda que recebo. Posso, finalmente, fazer o tratamento do qual tanto preciso. Se ainda estou viva, devo a esta Providência sempre pontual; e espero poder viver longamente para, também eu, ajudar as pessoas que sofrem.

(Filipinas)

■ Poderei estudar e conseguir um emprego

Estava desesperado! Havia procurado um meio para me manter de qualquer modo, mas ninguém podia pagar a minha escola. Havia batido, em vão, na porta de muitos Institutos de Lahore, mas ninguém me abriu a porta gratuitamente. Só a ajuda desta grande família do Movimento me levou a experimentar o cêntuplo, dando-me a possibilidade de ser admitido em um bom pensionato que, além de me dar uma formação, no fim do curso, me dá a possibilidade de ter um emprego.

(Paquistão)

■ Podemos ajudar os que estão perto de nós

Quero agradecer a Providência que me deu a possibilidade de reformar a casa. Este amor concreto nos faz sentir que fazemos parte de uma “família”. Agora, providencialmente, todos em casa encontramos um emprego, embora modesto, e assim podemos ajudar outras pessoas em dificuldade, próximas a nós.

(Argentina)

■ Mais jovens na Policlínica Ágape

Boa parte dos jovens brasileiros deve começar a trabalhar cedo para se manter, mas o mercado de trabalho exige uma experiência que ainda não tem: o Estado, para favorecer a inserção, por meio do «Projeto do jovem cidadão – o primeiro emprego», oferece um incentivo às empresas que assumem esses jovens.

Também a Policlínica Ágape aderiu ao projeto, assumindo duas jovens do movimento gen 3, Débora e Fernanda, que eram ajudadas pela Economia de Comunhão. Elas não tinham experiência e tivemos de ensiná-las tudo: precisava tempo e dedicação, não só da direção, mas também das funcionárias da Policlínica que deviam, diariamente, explicar as coisas com paciência.

O Projeto do governo não prevê para os jovens inseridos as mesmas vantagens previ-

stas para os outros funcionários como, por exemplo, a cesta básica mensal. Porém, consideramos importante que também elas recebessem esta cesta, porque além de suas famílias precisarem, não queríamos que se sentissem discriminadas.

Decidimos, também, inseri-las nas reuniões, nas comemorações e programas de treinamento profissional; no início os médicos se maravilhavam, mas, aos poucos, também eles foram envolvidos e, agora, um deles quer seguir o nosso exemplo em seu consultório.

Nesse ano, nossa empresa cresceu e precisamos admitir novos funcionários. No fim do ano de estágio, as duas jovens foram contratadas definitivamente: foi uma grande alegria para todos ver como, graças à contribuição de cada um, elas tiveram a chance de superar uma situação de necessidade, inserindo-se numa empresa EdC.

No momento estamos assumindo outras duas jovens gen 3 em dificuldade e o departamento do governo que acompanha o Projeto nos comunicou que a experiência positiva da Policlínica suscitou outros pedidos de inserção. Pediu-nos para nos colocarmos como ponto de referência e de esclarecimentos para as novas empresas que adotam o Projeto.

(Darlene Bonfin – diretora)



Os 15 ANOS DA EdC

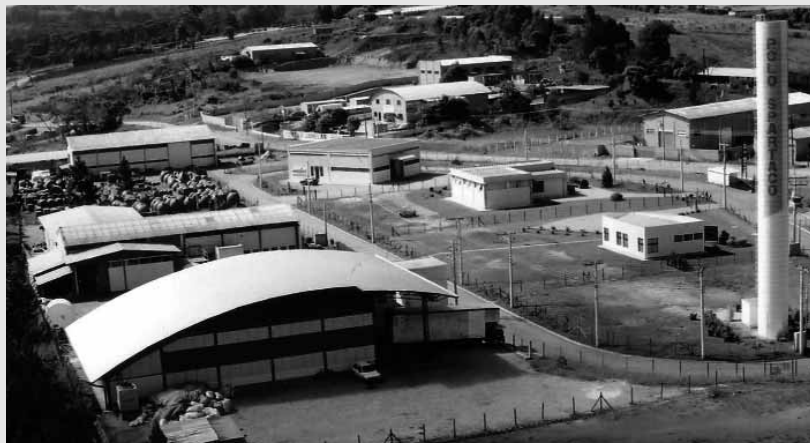
Alberto Ferrucci

Quinze anos atrás não teríamos podido imaginar o mundo de hoje, tão desenvolvido, mas também dilacerado por guerras cruéis, no qual a vida dos mais frágeis parece não ter valor e as reservas do planeta mostram seus limites e o ambiente a sua fragilidade.

Justamente para este mundo de hoje o dom de Deus da fraternidade universal aplicada na economia, característica do projeto EdC, demonstra todo o seu valor. Hoje, mais do que naquela época, parece-nos poder ver o fio de ouro da ação do Espírito Santo quando, em 1991, colocou no coração de um focolarino brasileiro, de origem chinesa, numa visita ao Santíssimo com Chiara, em uma igreja de Nova York, o desejo de oferecer a própria vida para que, depois da queda do muro de Berlim, desmoronasse também o muro do consumismo, do qual surgem tantos problemas da atualidade.

Torna-se cada vez mais claro porque, em 1991, Chiara deveria lançar a semente do Projeto EdC justamente no Brasil. Nesses últimos anos, os povos da América Latina, antes ausentes no cenário internacional, souberam reagir à depressão econômica e à dependência da dívida externa elegendo democraticamente governos e líderes atentos à luta contra a miséria e o desemprego; líderes capazes, apesar dos inevitáveis erros de quem trabalha, de fazer com que rendam as reservas do território, colocando-se na vanguarda também no que concerne à questão ambiental, por exemplo, focalizando a produção agrícola de combustível.

Eles se tornaram conscientes do próprio papel estratégico e o demonstraram não se dobrando à lógica do Norte



nas negociações do comércio internacional e também saldando a dívida com o Fundo Monetário Internacional. Nesta ação conjunta, o Brasil assumiu uma indubitável liderança em relação aos países com nova industrialização e em via de desenvolvimento.

Tudo isso deixa claro porque, no coração produtivo deste Brasil, Deus quis que surgisse, apesar das grandes dificuldades econômicas de então, o Pólo Spartaco: agora, depois de 15 anos, Jesus presente em uma EdC adolescente pode começar a "falar aos doutores".

Falar por meio das reflexões e dos estudos derivados das análises das decisões econômicas e dos comportamentos de cada dia dos seus atores e com o respaldo de realizações concretas, capazes de levar esta nova liderança de políticos, economistas e estudiosos a entreverem uma alternativa sustentável para o futuro, alicerçada na aplicação de uma economia da fraternidade universal.

Passados esses 15 anos de experiência e reflexões, um grupo de 50 estudiosos de dez países se reuniram em Castelgandolfo. Durante o encontro confrontaram seus estudos, realizados no próprio campo universitário em diálogo

com economistas, sociólogos, psicólogos, das mais variadas tendências, que reconhecem que a linha de estudo desenvolvida por eles sobre a racionalidade, a felicidade, sobre um nova abordagem da Ciência da Administração e das relações empresariais, tem valor científico e também muita criatividade, como demonstra o livro *Reciprocità*, apresentado neste número.

Além da notícia de uma importante empresa EdC italiana que vive uma fase de sucesso e que assumiu o seu papel público na região em que atua, publicamos alguns pedidos expressos no seminário dos estudiosos, esperando que não fiquem limitados a este pequeno grupo, mas que possam servir de bagagem para todas as pessoas que admiram a EdC e saibam encarná-lo na própria ação cotidiana.

Dizia Igino Giordani: «*O cristianismo não foi uma revolução, foi a revolução*»: cabe a nós demonstrar que esta revolução, hoje, está mais viva do que nunca!

Que esta perspectiva, junto com a comunhão entre todos nós, nos dê força, determinação, criatividade e alegria para vivermos e participarmos de um projeto tão grande!



UM CAMINHO DE COMUNHÃO NA LIBERDADE

Chiara
Lubich

... Como todos sabemos, a idéia inspiradora da Economia de Comunhão foi suscitar empresas que produzem riquezas destinadas a quem se encontra em necessidade. Impeliu-me a isso a constatação de que, apesar da comunhão de bens praticada no Movimento dos Focolares, não conseguíamos mais cobrir as necessidades mais urgentes de alguns dos nossos membros. Além disso, sobrevoando a cidade de São Paulo, impressionou-me muito ver a selva de edifícios, circundada por uma quantidade exterminada de favelas, definida pelo cardeal Paulo Evaristo Arns como “a coroa de espinhos”.

Com o projeto da Economia de Comunhão, víamos atuada, de uma forma diferente, a idéia genuína que originou a comunhão dos bens entre todos nós, no início do nosso Movimento: que não existisse mais pobres entre nós. No caso da Economia de Comunhão, tratava-se de suscitar empresas que produzissem lucro em benefício dos necessitados, dando um exemplo de ação econômica inspirada no cristianismo.

Desde o início vislumbramos neste projeto uma concretização, segundo o nosso Ideal, de um “caminho novo” para o qual a história se dirigia: um caminho de comunhão na liberdade. A um certo momento, uma personalidade teve a ousadia de falar sobre este projeto como de uma “esperança para o futuro”.

(...) Já que a Economia de Comunhão é expressão de uma Obra de Deus, é preciso buscar sinais e modelos – também para o modo de trabalharmos nela – mais no mundo espiritual e religioso do que no âmbito terreno e humano. (...)

De modo especial, é mediante o trabalho que o homem se realiza. Também na Economia de Comunhão será preciso trabalhar da melhor maneira possível. Aliás, devemos nos sentir chamados a fazer de cada hora de trabalho uma obra-prima de precisão, de ordem e de harmonia. É preciso ter uma consciência viva de que é necessário aproveitar da melhor maneira possível os próprios talentos para melhorá-los, aperfeiçoando-os também por meio de estudos inerentes à própria profissão...



ECONOMIA CARISMÁTICA



**Luigino
Bruni**

A história e a vida econômica e civil podem ser lidas como uma dinâmica entre carisma e instituição. O teólogo H. Von Balthasar nos propôs uma visão ou teoria da Igreja como um diálogo, uma dinâmica entre diversos “perfis” ou princípios ligados a carismas de algumas pessoas da Igreja primitiva. De modo especial, dois princípios base são o “petrino” e o “mariano”. O princípio petrino ressalta principalmente a compreensão institucional, hierárquica, jurídica e objetiva da vida da Igreja, enquanto o perfil mariano fala da sua natureza carismática horizontal e fraterna. Esses princípios são complementares, não estão em conflito, mas numa relação dinâmica e vital. A história da Igreja pode ser, para Balthasar, contada como desenvolvimento e interconexão dessas duas dimensões co-essenciais da Igreja, que é a história de *instituições* e de *carismas*.

Tenho a convicção de que esta visão da vida da Igreja seja muito eficaz também para compreender a dinâmica econômica e civil da humanidade. Mas, como quando olhamos a vida da Igreja, existe (pelo menos existia) a tendência de vê-la somente no seu perfil institucional, deixando na sombra o seu perfil carismático, analogamente, quando lemos a vida da humanidade, a sua dinâmica civil e econômica, existe sempre a tendência a

vê-la somente nos seus aspectos institucionais e a deixar de lado a ação dos carismas. Vemos e contamos apenas a história dos grandes eventos, dos tratados políticos, das guerras. Em relação à economia, narra-se a economia das grandes empresas e dos grandes banqueiros, de Marco Pólo, das repúblicas marítimas de Veneza ou Gênova, da descoberta da América e da corrida ao ouro, das crises inflacionárias e da expansão colonial. Não se vêem e não se contam, em vez, toda uma outra economia, outras histórias, as que aqui eu chamo de “carismáticas”, porque surgiram de carismas, religiosos ou civis. Se cometemos esse erro, deixamos de lado elementos fundamentais para compreender a história civil da sociedade e também da economia.

Vamos tentar, por exemplo, contar algumas passagens da história da economia carismática. Um primeiro exemplo importante é o monaquismo. O *Ora et labora* beneditino representou mais do que um mero caminho de santidade individual: a cultura beneditina tornou-se, nos séculos, uma verdadeira cultura do trabalho e da economia. No mundo greco-romano, quem estudava não trabalhava e quem trabalhava não era o homem culto mas sim o escravo. O carisma de Bento – que se tornou o patrono da Europa, não por acaso – recompôs em unidade essas duas dimensões da vida humana, a vida interior e o trabalho; ao fazer isso, deu vida também à primeira grande inovação econômica, entre as quais as modernas técnicas contábeis. O carisma de Bento – e dos outros fundadores – foi decisivo para o surgimento da economia de mercado. A cultura monástica foi o berço no qual se formou o primeiro *léxico* econômico e comercial que



vai plasmar a Europa da baixa Idade Média; e foi a experiência trabalhista e comercial dos mosteiros que criou a legitimação ética da atividade econômica, elemento determinante para o nascimento da economia moderna.

Um segundo exemplo. O carisma franciscano teve um papel decisivo no surgimento da moderna economia de mercado. O franciscanismo representa, na história da economia e da sociedade ocidental, um momento de grande importância e, ao mesmo tempo, um paradoxo: um carisma que colocou no próprio centro a “irmã pobreza”. O desprendimento, também material, dos bens e do dinheiro, tornou-se a primeira escola econômica da qual vai emergir o espírito da economia de mercado. Francisco, filho de um comerciante, e ele mesmo comerciante, faz a crítica mais radical que a história recorda ao dinheiro e ao mundo regulado pelo preço, em nome da gratuidade e do valor incomensurável dos bens mais preciosos (quanto *vale* “irmão sol?” Quanto, “irmã lua?”). Do franciscanismo, porém, nasce, na segunda metade do século XV, os *Monti di pietà*, antes na Úmbria e em Marche, depois em toda a Itália e no resto da Europa. A razão principal que levou ao surgimento dos *Monti di pietà* foi a fraternidade, não uma causa econômica: libertar os cidadãos dos explo-





radores e da miséria. Os primeiros bancos populares nasceram como “zelo pela pobreza”. Quando, em uma cidade, existia um pobre, diziam, toda a cidade é pobre. “Cuidando” da miséria se cuida da cidade inteira, é todo o corpo civil que fica curado! Eis que nasceram, por amor, os primeiros bancos modernos.

Nos séculos seguintes, os carismas deram origem às *reduções* na América do Sul (Jesuítas), aos primeiros hospitais, às primeiras escolas públicas, às obras de assistência. Na Itália, o primeiro contrato de trabalho feito com um menor foi escrito por Dom Bosco, do seu carisma nascido por amor aos adolescentes e jovens.

A história carismática não se exaure com os carismas dos santos. Existe um princípio carismático em ação na humanidade, em pessoas não explicitamente religiosas, mas que são movidas pelo espírito e pela gratuidade. Uma dessas expressões de carismas civis é o movimento cooperativo europeu, que a partir do século XIX tentou um caminho não capitalista para a economia de mercado, suscitando as cooperativas, fundadas sobre o princípio da fraternidade. A economia social e civil de hoje é o resultado de muitos carismas. A economia carismática não se limita ao Ocidente: quando Gandhi começou, em 12 de março de 1930, a sua “marcha do sal”, naquele dia teve início

uma revolução histórica para a Índia, uma revolução que surgiu do carisma gandhiano.

Quais são as características da economia carismática?

Ressalto algumas.

1. **Motivação ideal:** a motivação de tais experiências não é primariamente nem e tão pouco exclusivamente a busca do ganho individual. Os fundadores ou animadores de tais experiências têm paixões civis, que maiores do que o mero aspecto econômico;

2. **Princípio de reciprocidade:** o princípio inspirador dessas atividades não é o altruísmo ou a filantropia, mas a reciprocidade (muitas vezes expressa na história como solidariedade, mutualidade e, não raramente, como fraternidade);

3. **Gratuidade:** uma dimensão fundamental é a gratuidade. Existe gratuidade todas as vezes que o comportamento é um fim em si mesmo e não valem somente os resultados. Por isso a atividade que surge de um carisma não é jamais um meio mas um fim em si mesma. É interessante observar que tanto a gratuidade quanto carisma derivam do grego *charis* (graça);

4. **Nasce da sociedade civil:** experiências de tipo carismático surgem do campo civil, de “baixo”, das pessoas que se associam espontaneamente. São, portanto, experiências de pessoas livres;

5. **Nascem da resposta a problemas concretos** (não de teo-

rias abstratas) de justiça e de equidade: a experiência começa para resolver alguma forma de pobreza vivida por pessoas ou comunidades bem determinadas. Por isso é sempre muito forte nelas a dimensão de identidade.

A história, também a história econômica e civil, não seria a mesma sem esses grandes carismas: experiências econômicas que surgiram de “vocações” e que tiveram importantes efeitos econômicos, de civilização. E continuam a ter ainda hoje. A Economia de Comunhão é uma dessas experiências que (a) nasce de um ideal, (b) fundamenta-se na reciprocidade, (c) vive a gratuidade ou a cultura do dar, (d) é economia de um povo e de fraternidade, (e) nasceu de um “gesto de amor” dirigido a pessoas concretas de São Paulo, que viviam nas favelas.

A economia contemporânea tem uma enorme necessidade de carismas, sem os quais a economia se torna produção de mal-estar, porque os carismas conferem um timbre de humanidade na vida civil, tornam leve e suave o jugo do trabalho cotidiano, levam a considerar o outro uma pessoa, antes de concebê-lo como colega, cliente ou consumidor.

1. Cf. B. Leahy, O princípio mariano na Igreja, São Paulo, Cidade Nova, 2005.

O MILAGRE DA TASSANO

Silvano Gianti

Eram quase mil pessoas, entre autoridades, políticos e muitos cidadãos comuns, das pequenas cidades do Tigullio e de toda a Ligúria que, em 15 de junho, em Casara Ligure, participaram da cerimônia “simples” e ao mesmo tempo “solene” de inauguração do galpão industrial construído pela Fundação Regional de fomento de atividades sociais do Consórcio Tassano, que tem o objetivo de inserir no mercado de trabalho pessoas provenientes de situações de deficiência.

Após a constituição da “Fundação Regional Investimentos Sociais”, ardorosamente desejada por todos os políticos da região como reconhecimento ao valioso trabalho do Consórcio no território, e a sucessiva transferência para o novo espaço, a inauguração demonstrou mais uma vez o quanto esta atividade é estimada, e o que significa para a administração pública, para a sociedade civil e para os cidadãos, pelos resultados que produz. A inauguração foi uma verdadeira festa, com a participação do vigário episcopal, Pe.Gero Marino; do prefeito de Sestri Levante, André Lavarello; do deputado regional Luigi Merlo; do administrador encarregado pelo Consórcio, Maurício Cantamessa; do presidente da Fundação Regional, engenheiro Passalacqua e de Alberto Ferrucci, representando o projeto da Economia de Comunhão. Antonia Benaglio, uma das primeiras companheiras de Chiara, leu, como sua portavoza, a mensagem que havia enviado para a inauguração (ver ao lado).

A cerimônia foi concluída por Giacomo Linaro, diretor do Consórcio, que convidou para subir ao palco todos os administradores públicos presentes, que ao longo desses anos tra-



balharam para possibilitar a construção da nova sede. Agradeceu-lhes em nome de todos e observou que eles pertenciam às mais variadas linhas políticas, e desejou que aquele incomum espetáculo de unidade na atuação por um projeto partilhado fosse um incentivo para a solução de problemas da sociedade italiana.

Por fim, o diretor convidou todos a celebrarem a inaugura-

ção, tomando lugar para o almoço preparado para mais de oito mil pessoas, em mesas arrumadas no terraço da nova sede: os lugares foram todos ocupados e foram servidos dois pratos deliciosos, preparados por cozinheiros especializados em cardápios da região: o “bagnum”, um prato simples à base de pão e peixe azul; e um assado cujo perfume, durante o processo de cozimento, invadiu todo o galpão.

Caríssimos amigos do Consórcio Tassano

Nesta nova e importante etapa de suas atividades, com vocês agradeço a Deus pelos numerosos frutos amadurecidos em todos esses anos de vida.

Ele, que é o principal “sócio” das empresas de vocês, abençoou este empenho, fazendo com que experimentassem, das mais variadas formas, o cêntuplo prometido a quem busca o Seu reino.

Vocês aderiram com generosidade ao projeto da Economia de Comunhão desde o seu nascimento, descobrindo nele aquela “novidade” que pode responder às exigências da humanidade de hoje e favorecer a unidade da família humana.

O testemunho de vocês envolveu muitas pessoas, e a inauguração da nova sede, com a presença ativa e generosa do Conselho Regional da Ligúria o reconhece e confirma. Faço votos que o Consórcio Tassano continue a ser uma prova daqueles valores sociais, econômicos e culturais dos quais muitos possam se beneficiar, e assim contribua para a edificação da autêntica fraternidade na Região de vocês, e mais além.

Neste sentido asseguro-lhes a minha oração, saúdo cordialmente a todos os presentes com um agradecimento especial a todos aqueles que acreditaram nessa iniciativa e a sustentaram, encorajaram, ajudando-a a alcançar este alegre objetivo.

Uma especial saudação e os meus reconhecimentos à Sua excelência, o bispo, e a todas as autoridades presentes.

Olivero Lubich





A imprensa da Ligúria chamou de milagre esta operação desejada pela Região, pelas Províncias, pelos municípios da região, que permitiu que o Consórcio continuasse vivo, mediante a transferência da sede das Cooperativas sociais de Sestri Levante para a nova sede, em Casara Ligure.

Os objetivos do Consórcio eram bem conhecidos pelos administradores, que em diversas ocasiões demonstraram-se tocados por esta experiência social tanto que, sem esforço, com um acordo bilateral, propuseram a constituição de uma Fundação para viabilizar a compra do terreno em uma zona industrial e a construção de uma estrutura de cerca de 6.000 m².

«A motivação que impulsionou todos a se empenharem seriamente – explicou o então secretário das Políticas Sociais, Gatti – é justamente o fato de termos visto de maneira extraordinária como se moviam todos os diretores da Tassano. Todos ficamos impressionados pelo ânimo moral presente entre eles. Se não tivéssemos concretizado esta iniciativa, teríamos fracassado, porque devíamos responder à íntima convicção existente no coração de Linaro e de seus diretores...». Um “milagre da Providência!...”, mas também resultado de um longo e paciente trabalho de diálogo, de relacionamentos, de sensibilidade recíproca, que o

Consórcio levou em frente nesses anos com as instituições públicas. Em outubro de 2004 começaram os trabalhos de construção da nova sede, que foram concluídos no final do ano passado. Desde o início de 2006 a sede começou a operar.

A experiência que caracteriza a ação da Tassano

A Economia de Comunhão, especialmente orientada à inserção no mercado de trabalho de quem está à margem da sociedade e tem grande dificuldade para inserir-se, é a experiência que caracteriza a ação da Tassano.

Como parte dela, entre as 52 cooperativas que servem a estruturas assistenciais e um conjunto de serviços oferecidos à região, temos o que se poderia chamar de “pérola preciosa” do Consórcio.

Trata-se de um laboratório especial, no qual são admitidas pessoas portadoras de deficiência. O trabalho delas consiste em montar, confeccionar e embalar vários artigos assumindo trabalhos terceirizados. Um trabalho pouco rentável, mas o grande desafio que se vive possui um enorme valor.

Tudo surgiu do desejo de dar trabalho a essas pessoas, de substituir a esmola ou a ajuda esporádica ou continuada para suprir uma emergência, por um gesto concreto que lhes devolvesse a esperança e a dignidade.

A “pérola” está aqui. Mas é necessário dinheiro... e muito! Consegue-se o dinheiro não esperando a intervenção – que seria devida – das instituições, mas é o Consórcio quem dá do seu, que utiliza o lucro das outras cooperativas para manter este laboratório especial.

Este é o fio condutor que desde o início orientou a gênese desta particular experiência de trabalho. O desafio inicial que serviu de trampolim para o que hoje, dentro do Consórcio Tassano, é chamado de setor B, no qual se trabalha com a montagem, confecção e embalagem de vários artigos para terceiros.

Dentro deste setor está inserida a experiência do “Laboratório”, no qual atuam 130 pessoas oriundas de vários tipos de deficiência. É uma história fascinante. Narra o surgimento da “Ponte”, do “Pelicano”, do “Cisne”: laboratórios especiais que agilizam a inserção no mercado de trabalho.

«Desde o início, conscientes da nossa inexperiência no campo da inserção no mercado de trabalho – conta Pierangelo Tassano, vice-presidente do Consórcio-, acreditamos no não sufocar a pequena semente, graças também a ajuda de todos os voluntários que deram o próprio tempo para trabalhar conosco no laboratório “A Ponte”.

Logo aceitamos um contrato de terceirização “abaixo do



preço de mercado”: a montagem de sistemas elétricos para automóveis. Trabalhávamos em cerca de 100 m², com muita paixão e entusiasmo. Enquanto isso, o Pelicano crescia, seja no número de sócios, seja na quantidade de trabalho. A oficina se tornou pequena, precisávamos de um espaço maior.

Pedimos ajuda ao prefeito de Sestri Levante, que compreendeu a situação, e aos sindicalistas da região. Chegamos a um acordo com o proprietário de um galpão de 10.000 m², situado no centro de Sestri Levante, com uso da estrutura em comodato gratuito, com o compromisso de deixá-lo quando entrasse em vigor o novo plano diretor do município.

«Esta terceira transferência é muito importante, sobretudo porque a nossa experiência começa a ser conhecida em nível institucional, social e na cidade. Quando o SERT (Serviço de Recuperação de Tóxico-dependentes) de Chiaravari – continua Pierangelo – toma conhecimento da nossa experiência, logo compreende esta intuição de que o trabalho é “terapia” antes ainda de ser produtivo.

Com esta compreensão redige junto conosco o regulamento do projeto “Viver livre” que dedica-se à inserção de tóxico-dependentes e alcoólatras no campo do trabalho; e deseja colaborar diretamente conosco oferecendo-nos psicólogos, reconhecendo que a nossa experiência contém uma novidade para a reabilitação social desta categoria de pessoas. Esta colaboração continua até os dias de hoje».

Uma outra etapa importante na história do Consórcio foi a visita do então secretário regional para Políticas do Trabalho que ficou conquistado por esta singular experiência e ajudou a colocar o Consórcio em contato com as grandes empresas da região.

O objetivo é obter cada vez mais trabalho. Ele organizou, para isso, um congresso em Gênova, com a participação dessas empresas, e pediu para contar-mos a experiência do Consórcio. Começaram a chegar jornalistas, políticos, sindicalistas,

administradores públicos, associações, que depois de cada visita ao galpão saíam maravilhados, edificados, transformados e imediatamente contavam a outras pessoas. Hoje, esta experiência conhecida, considerada e amada em nível local, graças a eles, existe para todos.

A chegada à cooperativa de Klemens Ries, atual diretor do Laboratório, conferiu caráter científico e profissionalismo ao projeto. «Hoje chegamos até aqui, mas ainda há muito caminho a ser percorrido – conclui Pierangelo Tassano – para conquistar uma maior segurança. Esperamos um reconhecimento público da parte de instituições nacionais e regionais para institucionalizar este projeto e profissionalizar a experiência dos futuros agentes que atuam em nosso laboratório. Por enquanto continuamos a buscar fundos e recursos, ainda que pequenos, para o futuro deste laboratório especial. Nós aderimos ao Projeto Economia de Comunhão e gostaríamos que o nosso lucro pudesse ser distribuído numa medida ainda maior aos seus objetivos e não utilizados em sua maior parte para suprir tarefas que, na nossa visão, deveriam ser assumidas pela comunidade».

O Consórcio hoje

O Consórcio de Coopertaivas Sociais Roberto Tassano surgiu em 1997 com o intuito de unificar as diversas experiências empresariais e sociais nascidas





desde 1989, além de atuar como “incubadoras” de novas atividades produtivas que surgiram sucessivamente no grupo Tassano.

O Consórcio Tassano promove um sistema de consórcios vinculados entre si: Consórcio Campo del Vescovo, Consórcio Gianellinrete, Consórcio Alpe, Consórcio Primo e Val di Vara. Com 52 cooperativas e 1200 trabalhadores entre sócios, empregados e dependentes.

Por meio dessas cooperativas o Consórcio gerencia casas de repouso, casas para doentes mentais, residências protegidas, trabalho em sistema de terceirização que mantém o laboratório de inserção no mercado de trabalho, serviços municipais, formação e projetos. Organizado principalmente em três setores, reúne estruturas sócio-assistenciais, e o setor do turismo social com as suas estruturas de hotelaria. Confeção, montagem e embalagem de vários artigos terceirizados, onde insere-se a experiência do “laboratório” para pessoas provenientes de situações de carência.

E enfim um conjunto de serviços que atingem toda a região e que compreendem: assistência domiciliar a anciãos e deficientes, administração de restaurantes escolares, animação de centros de lazer e casas de repouso, limpeza de ruas, manutenção de jardins, e o Centro Único de Reservas ASL, para exames clínicos.

PÁGINAS VIVAS DA HISTÓRIA

O nosso PIB é o maior do mundo.

Mas contabiliza também a poluição do ar, a propaganda de cigarros e as corridas das ambulâncias que socorrem os feridos pelas estradas.

Contabiliza a destruição de nossas florestas e o desaparecimento da nossa natureza.

Contabiliza o napalm e o custo da estocagem de lixo nuclear.

O PIB, pelo contrário, não contabiliza a saúde de nossas crianças, a qualidade da instrução que recebem, a alegria de suas brincadeiras.

Não prevê a beleza da nossa poesia ou a solidez dos nossos casamentos.

Não considera a nossa coragem, a nossa integridade, a nossa inteligência, a nossa sabedoria.

Mede qualquer coisa, mas não o que na vida vale a pena ser vivido.

Robert Kennedy

A economia que surge por interesse e a economia que surge por amor

CONTRATOS, AMIZADES E GRATUIDADE

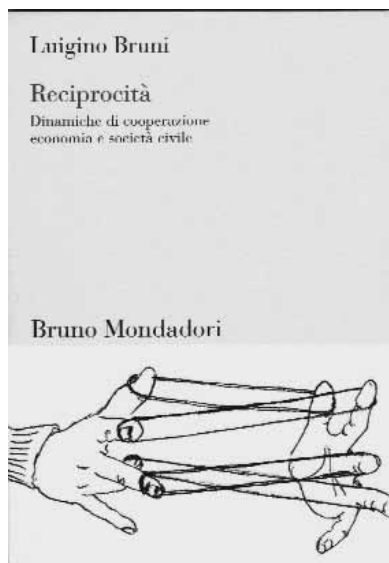
Luca Crivelli

Nesta edição, Luigino Bruni aplica as categorias do teólogo suíço Hans Urs von Balthasar na análise da economia. Também no contexto econômico, como na vida da Igreja, encontrariam espaço duas dimensões, uma mais institucional, a *economia que surge do interesse*, para a qual se é tradicionalmente dirigida a atenção dos estudiosos, e uma mais carismática, a *economia que surge por amor*.

Analogamente, acredito que este conceito possa ser aplicado também no campo da produção de idéias: existem teorias que nascem por interesse e livros escritos por amor. A meu ver, pertence a esta segunda categoria o volume “Reciprocidade” de Luigino Bruni, recentemente publicado por Bruno Mondadori. Embora nas 190 páginas do texto, com exceção na seção de agradecimentos, não tenha sido feita nem uma referência explícita à Economia de Comunhão, este livro encarna encarna um ato de amor em relação ao projeto EdC.

O que surpreende não é tanto o assunto do livro, a partir do momento em que a reciprocidade, tradicional objeto de estudo de disciplinas como a sociologia e a antropologia, há alguns anos passou a fazer parte da agenda de pesquisas da ciência econômica. O que surpreende no trabalho de Bruni é a tese – enunciada no título do último capítulo – segundo a qual é um erro separar conceitualmente a dinâmica “interessada” dos contratos, daquela mais genuína da amizade ou mais ainda da gratuidade, enquanto a “*a reciprocidade é uma só, mas as reciprocidades são muitas*”.

Bruni é animado pela paixão pela vida civil que compreen-



de, no seu conjunto, a lógica dos contratos, as relações de amizade e gestos inspirados no dom e na gratuidade. Em qual medida a vida civil, para poder florescer, precisa de uma visão pluralista, precisa desenvolver no seu inteiro esses tipos de relação?

Segundo o autor, a fronteira entre o civil e o incivil atravessa as várias formas de socialidade humana. Na primeira parte do livro ele descreve três arquétipos de reciprocidade, a controlada pelos contratos, muito semelhante a eros, a reciprocidade da amizade, que recorda a “philia”, e a reciprocidade incondicional e gratuita, típica do ágape. Existe uma extraordinária analogia entre a mensagem contida nesta livro e a recente encíclica de Bento XVI *Deus Caritas Est*.

Para Bruni, uma convivência que não sabe ativar todos os aspectos da reciprocidade termina, sem querer, em um mundo constituído somente de contratos ou da não-cooperação generalizada: a vida civil floresce se consegue manter juntos os vários aspectos da reciprocidade.

Não é, em essência, correta nem a tese liberal, segundo a qual a busca do interesse pes-

soal é suficiente para promover o bem-estar das nações nem a posição de quem considera o mercado e o contrato destinados a provocar a desertificação da vida civil.

Ambas as posições fazem uma leitura maniqueísta da realidade. Também em relação ao amor, geralmente há duas visões antagônicas. Alguns exageram de um lado, exaltando o papel do eros, o amor movido pelo desejo de possuir, reivindicando a total independência das formas de amor desinteressado. Outros, consideram, em vez, o eros sempre e geralmente um atentado às formas elevadas de amor, como o ágape.

Bento XVI, escreve a respeito: “*Na verdade, eros e ágape – amor ascendente e amor descendente – jamais se deixam separar totalmente um do outro. Quanto mais os dois, embora em dimensões diferentes, encontrarem a correta unidade na única realidade do amor, tanto mais se realizará a verdadeira natureza do amor em geral*”.

Para quem não está habituado com os modelos da teoria dos jogos, com simulações numéricas, a parte mais difícil, mas sem dúvidas também a parte mais fascinante do livro, encontra-se nos capítulos finais. Combinando o rigor do método científico com uma extraordinária eficácia na tradução, numa linguagem compreensível, das proposições formais, Bruni demonstra como poderia se configurar a evolução cultural e social de uma comunidade na qual existisse uma única, duas e três formas de reciprocidade.

O instrumento de demonstração é o dilema do prisioneiro repetido, analisado com a linguagem dos jogos evolutivos e variando o número e o peso



relativo de cada uma das estratégias presentes na população. Alguns dos resultados ressaltados, que por nada devem ser desconsiderados, possuem uma grande relevância prática. Se em uma sociedade faltasse a gratuidade, uma parte de seus membros jamais experimentaria a cooperação. Só a gratuidade sabe, de fato, despertar os cooperadores adormecidos.

Se, além da não cooperação, houvesse na sociedade apenas dois dos três aspectos da reciprocidade, por exemplo, a amizade e a gratuidade, mas faltasse o contrato, a única forma de reciprocidade capaz de emergir sozinha seria a amizade. Porém, para que esta possa afirmar-se, é indispensável “dosar” a presença da gratuidade: excessivos atos gratuitos teriam por efeito não apenas a extinção da gratuidade, mas também a consequência de levar a não cooperação a vencer a amizade.

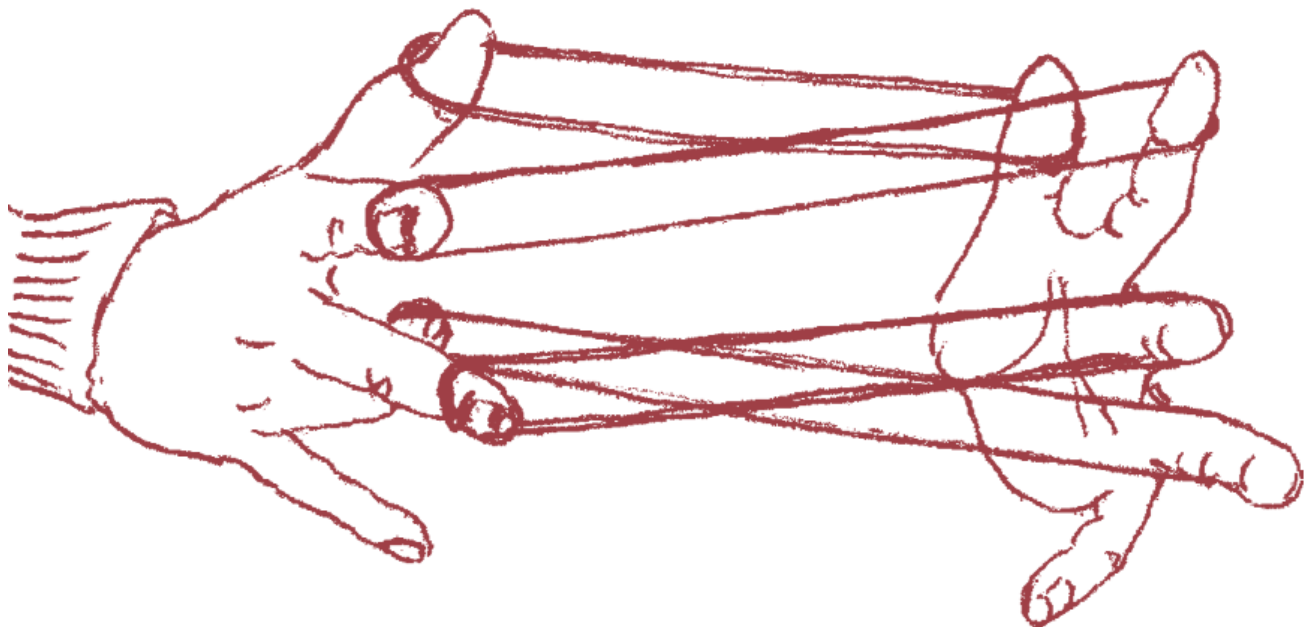
A situação melhoraria se na comunidade fossem ativadas todas as três formas de reciprocidade, neste caso, de fato, seria facilitada a afirmação da gratuidade. A presença do contrato pode, portanto, paradoxalmente, favorecer o florescimento da gratuidade em relação à amizade e à não cooperação.

As últimas páginas do livro tratam de algumas expressões da vida civil, consideradas pelo autor como fundamentais para a sociedade assim como o são “o fermento para a massa e o sal para a terra”, que extraem as razões do próprio modo de agir de fortes motivações ideais. É aqui que o pensamento passa para a Economia de Comunhão.

É necessário que nessas organizações se dê especial atenção para não dissociar os vários aspectos da reciprocidade. Se o termômetro sobe para o alto e se excluem *a priori* as

formas controladas de reciprocidade, como o contrato, porque não consideradas suficientemente generosas e elevadas, o resultado a médio prazo poderia ser a extinção da própria organização.

Mas está à espreita também um segundo tipo de risco. Depois de inevitáveis encontros com sujeitos oportunistas e da excessiva ênfase dada, por parte de quem começou a organização, à sua vocação e gratuidade, os diretores da segunda geração poderiam reagir abdicando desta última. Isto levaria ao desaparecimento do sistema de um “grau de liberdade” essencial, com a consequência de empobrecer a dinâmica civil e de minar na base as motivações ideais ao redor das quais fora forjada a identidade e a própria razão da existência da organização.



NOTÍCIAS DO BRASIL

Armando Tortelli

No dia 29 de maio de 2006 o projeto EdC completou 15 anos: o congresso nacional (23-25 de junho), com a 6ª feira das empresas EdC, ofereceu um espaço para a reflexão dos desenvolvimentos da EdC no Brasil ao longo desses anos e quais seriam as perspectivas futuras.

Em fevereiro realizou-se um encontro de dois dias – muito frutuoso pela unidade construída entre todos – para definir o programa do congresso, que contou com a presença do Centro de Estudos Filadélfia, a Espri S/A, o Pólo Empresarial do Nordeste, a Associação Nacional EdC e os responsáveis pela Mariápolis Ginetta.

O Congresso deste ano contou com a participação de empresários, professores, estudantes, colaboradores e também de pessoas ajudadas pelo projeto. Participaram empresas inseridas e algumas interessadas com representantes da Argentina.

A Associação Nacional EdC

Os empresários brasileiros que em 2004 participaram do congresso internacional EdC em Castelfranco assistiram a fundação da Associação Internacional EdC e desejaram fundar uma Associação Nacional EdC brasileira, que foi oficialmente constituída em julho de 2005, para favorecer a interação entre as empresas EdC do Brasil e com outros países, visando principalmente fomentar o desenvolvimento dos pólos empresariais. Após a sua fundação, na Mariápolis Ginetta, a Associação realizou a sua segunda reunião a 3 mil km de distância, em Recife, após a quarta Assembléia dos acionistas do Pólo Empresarial EdC do Nordeste S/A – a sociedade anônima criada para administrar o Pólo Ginetta, que está sendo implantado na região.

O Pólo do Nordeste

Durante a assembléia foi apresentado um balanço das atividades dos últimos meses e estabeleceram-se metas a serem alcançadas até dezembro de 2006. Na área do Pólo já estão predispostos



a sede administrativa da sociedade anônima e a infra-estrutura necessária (água, energia elétrica, gás natural, rodovias de acesso). Tudo graças à imediata colaboração das instituições públicas interessadas em agilizar a implantação do Pólo. A Assembléia do Pólo Empresarial EdC do Nordeste S/A ratificou a construção de dois galpões, que vão hospedar as duas primeiras empresas, uma de produção de geléias, inclusive para exportação, e outra para a produção de manufaturados plásticos: duas empresas que têm como sócios empresários locais e do Sudeste e Sul do Brasil. A sua implantação contará com a parceria técnica de outras empresas EdC brasileiras.

O Pólo Spartaco

Quase diariamente o Pólo Spartaco recebe visitas de um grande número de pessoas satisfeitas por entrarem em contato com as empresas e verem, diretamente, onde esta nova economia se realiza. Atualmente no Pólo Spartaco estão em atividade seis empresas, com 75 trabalhadores diretos e 130 indiretos. A Espri S/A, que administra o Pólo está estudando a viabilidade de implantação de uma nova empresa, a Unita Móveis e Decorações, que produz e comercializa móveis para residências e escritórios (www.unitamoveis.com.br). Com o intuito de arrecadar fundos para construir o novo galpão, a Espri propôs a seus sócios a subscrição de um aumento de capital.

Os jovens e o Pólo

Em 9 de abril de 2006 realizou-se

na Mariápolis Ginetta um workshop com o seguinte título: «Uma nova cultura econômica», promovido pelos jovens participantes do projeto Espri 2010. Participaram 62 jovens, juntamente com empresários e funcionários das empresas do pólo18, conjugando idealismo e experiência de vida. Um deles disse: «Mais do que um dia de trabalho e de visita ao pólo, vivemos um dia imersos em uma nova cultura. O contato com a experiência EdC dá coragem para nós, jovens, que aspiramos fazer algo que transforme o mundo». Um dos resultados do workshop foi a criação de um e-group para permanecer em contato e partilhar idéias e currículos, para um intercâmbio de experiências profissionais.

Mundo acadêmico

Nesses 15 anos, a EdC no Brasil marcou a vida acadêmica em vários níveis. Em 1997 surgiu o Centro de Estudos Filadélfia. Mais de cem trabalhos acadêmicos foram escritos na conclusão de cursos universitários, entre os quais 24 dissertações de mestrado e nove teses de doutorado.

O projeto atrai cada vez mais a atenção das universidades: os empresários e agentes da EdC são convidados a apresentar a história do projeto, a sua dinâmica e desenvolvimento em vários simposios, seja em âmbito religioso que político, cultural e acadêmico. Em 2005 a Editora Cidade Nova publicou um livro que Luigino Bruni escreveu especialmente para ela: *Comunhão e as novas palavras em economia*.



OS SEIS ANOS DA ROTOGINE

Rodolfo Leibholtz

No dia 4 de maio foram comemorados os seis anos da fundação da sociedade: desde que se uniram como sócios a Kentinnis, holding do grupo Femaq e a Estrela Participações, foi acrescentado ao nome inicial, Rotogine, a sigla KNE.

A Rotogine surgiu como resultado de um puro ato de fé de François Neveux, empresário francês apaixonado pelo projeto EdC, que veio a um congresso no Brasil para colocar à disposição, gratuitamente, a sua tecnologia – já comercializada com sucesso em outros países – a uma empresa que desejasse inserir-se no Pólo.

Na época havia no Pólo somente a fábrica de confecções La Tunica. Ao participar da inauguração de um segundo galpão (construído para uma empresa que nesse meio tempo havia falido), à qual estava presente Ginetta Calliari, tocado profundamente pela sua fé e contra todo cálculo econômico, François decidiu implantar ele mesmo uma empresa, para a produção de manufaturados plásticos, voltada ao mercado brasileiro.

Pode-se dizer que esta decisão, em um momento difícil da eco-



nomia brasileira, deu um impulso decisivo para a “decolagem” do Pólo Spartaco.

A vida da Rotogine, nesses anos, não foi fácil. Era necessário identificar o produto e a matéria-prima certa para o mercado brasileiro. Um outro empresário EdC foi estimulado por François a produzir a matéria-prima necessária, a um preço conveniente, por meio da reciclagem de lixo plástico. O desejo de fazer com que a Rotogine conquistasse o seu lugar, o levou a inventar uma nova técnica de depuração de água, o “Reator Anaeróbico de Fluxo Ascendente”, UASB, hoje comercializado inclusive na Europa, com potencial para uma difusão em nível mundial.

Sem contar os que trabalham no sistema de distribuição

comercial, os colaboradores da Rotogine passaram de duas para 13 pessoas. Foi necessário dobrar o galpão inicial de 350m² e a produção ampliou-se também a sistemas de separação de hidrocarboneto, de captação e recuperação da água da chuva, produção de equipamentos esportivos, como os caiaques, e de brinquedos infantis coloridos, para praças públicas.

A Rotogine organizou vários congressos científicos em universidades brasileiras e é também conhecida pela sua adesão ao projeto EdC. Assim, quando no Brasil foi feita uma campanha de desarmamento, a Rotogine foi escolhida para utilizar o metal oriundo da fusão das armas, para daí extrair as partes metálicas dos brinquedos infantis.



INAUGURAÇÃO DO PÓLO LIONELLO BONFANTI

27-28 de outubro de 2006

Cecilia Cantone

Domingo, 28 de outubro de 2006, às 15h30, com a presença de autoridades políticas e religiosas, de numerosos representantes do mundo político e da sociedade civil, de muitos dos 5 mil sócios da EdiC S/A e de aderentes do projeto de Economia de Comunhão de toda a Itália e da Europa, junto com representantes de outros continentes, será inaugurado o Pólo Lionello Bonfanti. O pólo completará o desígnio da Mariápolis do Movimento dos Focolares, cujo título homenageia Renata Borlone, situada em Loppiano, no município de Incisa Valdarno.

Considerando a numerosa presença de pessoas provenientes também de muito longe, a EdiC S/A promoverá, com a colaboração da Comissão Central da Economia de Comunhão do Movimento dos Focolares, o congresso de estudos «Sinais de fraternidade na economia».

Participarão como oradores Vera Araújo, socióloga; Adriana Cossedu, docente de Direito e Luigino Bruni, economista. Após as palestras proferidas por eles, haverá uma mesa-redonda aberta aos vários agentes da economia italiana. Durante a inauguração também está previsto o evento “Portas abertas no Pólo Lionello”, dedicado a quem desejar visitar o Pólo e, de modo especial, aos moradores de Burchio, Incisa, Loppiano e da região, que assistiram ao surgimento e ao crescimento do Pólo, alguns com inquietude, outros com questionamentos e temor, outros com esperança: o objetivo deste evento é estender aos habitantes da região o diálogo há tempos em ação com as instituições municipais, provinciais e regionais.



A programação prevista é:

- Domingo, 22 de outubro de 2006: **“Portas abertas no Pólo Lionello”**
Às 15h30, após uma apresentação da função do Pólo Lionello em relação à Mariápolis de Loppiano e à Economia de Comunhão, haverá o discurso do prefeito de Incisa Valdarno, a apresentação do perfil de Lionello Bonfanti e entrevistas a alguns empresários do Pólo. Em seguida, um momento de entretenimento, com a apresentação da banda intermunicipal e a visita ao Pólo.

- Sexta-feira, 27 de outubro de 2006: Congresso de estudos **“Sinais de fraternidade em economia”**
Às 10 horas, depois de uma saudação feita aos participantes de diversos países, falarão Vera Araújo e Adriana Cossedu. Depois, um intervalo e a palestra de Luigino Bruni sobre o tema do Congresso. Logo após, Giuseppe Manzo – engenheiro – falará sobre o «Significado dos Pólos na Economia de Comunhão». Também falarão alguns empresários brasileiros, proprietários de empresas sediadas no Pólo Spartaco, o primeiro da Economia de Comunhão, que surgiu no

Brasil, próximo à Mariápolis Ginetta, na região metropolitana de São Paulo. A seguir, haverá testemunhos de pessoas que participaram do projeto EdC, experimentando a solidariedade em momentos de emergência.

Às 15h30 o jornalista da RAI, Gianni Bianco, coordenará uma mesa-redonda com a participação de expoentes do Banco Ético, Unicoop, Companhia das Obras, ACLI, que prevê também uma sessão de diálogo com os interlocutores.

- Sábado, 28 de outubro de 2006: **“Inauguração do Pólo Lionello”**
às 15h30, após a saudação dos representantes da Mariápolis de Loppiano e da EdiC Spa, será feita a apresentação em vídeo das empresas que se instalaram no Pólo Lionello e uma palestra do professor Stefano Zamagni, titular de Economia Política da Universidade de Bolonha. Depois de saudar as instituições presentes, a doutora Cecilia Cantone, presidente da EdiC S/A, vai introduzir a Mensagem ao Pólo Lionello, enviada por Chiara Lubich. Depois, será descerrada a placa que traz a Palavra de Vida dada por Chiara Lubich ao Pólo Lionello.



UMA ESCOLA PARA EMPRESAS SOCIAIS EdC

Silvano Gianti

Talvez falar de economia ao lado do mar pode significar a atualidade do momento: apenas uma semana atrás, na vizinha Santa Margherita Ligure, reuniram-se os jovens de Confidustria, e agora, na varanda que abraça a vista do mar Riva Trigoso, a 360°, num panorama que definir como maravilhoso seria ainda pouco, reuniram-se alguns empresários das Empresas Sociais que aderem à Economia de Comunhão.

Um encontro que surgiu da exigência de alguns empresários EdC que atuam no âmbito da cooperação social, com o desejo de se unirem para partilhar experiências e idéias, para melhor avaliar a potência das suas atividades, levando em consideração o recente e positivo desenvolvimento da legislação italiana que prevê a categoria das Empresas Sociais, da qual pode fazer parte inclusive empresas de capital, não só as cooperativas se apresentam com finalidade social, mas também o podem fazer as empresas EdC.

Participaram deste segundo encontro – o primeiro aconteceu em Roma, em 20 de fevereiro de 2006 – Giacomo Linaro, Pierangelo Tassano, Maurizio Cantamessa, Diego Ferri e Roberto Mascolo, representando o Consórcio Tassano de Sestri Levante; Carlo Tedde e Maria Grazia Patrizi, pelo Consórcio Social Solidarietà, de Cagliari; Domenico Panichi e Franco Bruni, pelo Consórcio o Picchio, de Áscoli Piceno; Maria Carla Viceconti, pela Cooperativa Social Nuove Dimensioni, de Potenza e Almicare Pesce e Antonio Sessa, pela Cooperativa Social Form. A.P. de Salerno.

No primeiro encontro foi delineado um percurso em dois níveis: por um lado, compreender e definir melhor a natureza profunda das cooperativas e empresas sociais que decidiram atuar segundo a EdC. Por outro, partilhar as experiências, estruturar e programar, no respeito das políticas empresariais de cada um, linhas de trabalho e profissionais comuns.

Desse modo, sem excluir que este possa ser o primeiro passo rumo a algo mais estruturado, logo emer-

giu a necessidade de trocar as experiências feitas até agora para dar início e partilhar uma mesma cultura de gestão empresarial, pedindo ajuda a especialistas que refletem sobre esses temas, especialmente sob o perfil do projeto EdC.

Assim, desde o início, contou-se com a presença do profº Luigino Bruni, economista e estudioso da EdC, que se colocou à disposição para acompanhar este trabalho, como “docente”.

Bruni logo tratou de um dos pontos fundamentais de uma empresa que se assume como social: conjugar a exigência da gestão econômica normal com o relacionamento de igualdade característica do movimento cooperativo e a gratuidade, que é uma das características do projeto EdC.

Bruni começou descrevendo o *contrato*, que está na base da economia tradicional: «nasce da necessidade de obter algo que o outro possui; para obtê-lo, precisa “cortejar” oferecendo algo em troca; o contrato não pede a gratuidade: para um bom contrato são suficientes incentivos e boas regras. Se as regras do jogo, porém, não são bem escritas, no caso de conflito a organização implode». Portanto, Bruni continua descrevendo a *amizade*, o relacionamento recíproco do qual surgem os relacionamentos de cooperação, nos quais cada um dos sócios dispõe em assembléia um voto, quer seja um sócio trabalhador, quer seja um sócio financiador, e sustenta que «se na empresa EdC as pessoas não se transformam em um grupo de amigos, dificilmente a colaboração deles será duradoura. Um elemento fundamental é superar a desconfiança, ter a confiança recíproca; precisa compreender a empresa como um grupo de pessoas unidas por um destino comum».

Por fim, Bruni questiona se é possível conjugar o *contrato* com a *gratuidade* e introduz o conceito de *confusão motivacional*, observando que, se em um contexto social forem utilizados com força os incentivos monetários,



se tornará mais difícil compreender as motivações que impulsionam uma pessoa a se comportar de uma determinada maneira. O sistema de incentivos não é errado, porém cria ambigüidade: assim, se forem concedidos notáveis incentivos econômicos, quem se candidatar a participar de uma certa organização poderá fazê-lo não por *vocação*, mas por *interesse*.

Portanto, se uma atividade empresarial orientada ao social quer atrair pessoas com uma vocação congruente com a da empresa, não deve retribuir demasiadamente, mas talvez junto com o salário, pode dar-lhes a possibilidade de executar bem o próprio trabalho e de crescer profissionalmente, por exemplo, no caso de um pesquisador, conseguir fundos para a sua pesquisa e dar-lhe a possibilidade de frequentar congressos que aumentem a sua competência; isto é, não tanto aumento salarial, mas incentivos que aumentam a realização pessoal.

Os participantes perceberam a importância prática dessas reflexões para suas empresas: fizeram perguntas, contaram experiências, pediram esclarecimentos e propostas. Foi levantada a questão do voluntariado: uma empresa social deveria atrair voluntários, se eles não chegam, precisa perguntar o porquê. Foi observado que nas empresas EdC assiste-se a um significativo “voluntariado interno” praticado pelos próprios empregados das cooperativas.

Estão programados outros momentos de reflexão para o futuro. No entanto, esses empresários voltaram às próprias empresas com o desejo de aplicar os conceitos amadurecidos neste dia.



PERGUNTEM AOS HOMENS DO MAR

Giuseppe Argiolas

Você nunca se perguntou, ao olhar o cais de um porto turístico ou de um grande porto industrial, o que mantém firme a sua base, que dará um apoio seguro tanto a um barco a vela quanto um grande navio mercante, em águas às vezes tranquilas, às vezes agitadas pelo vento?

Perguntem aos homens do mar. Saberão responder: muitas pequenas e grandes pedras lançadas ao mar, uma depois da outra, das quais ninguém jamais conhecerá a forma nem apreciará a importância, mas sem as quais o cais forte e seguro, imponente e orgulhoso, não poderia se manter.

Esta imagem, acredito, resume de alguma forma o percurso que alguns estudiosos jovens – e menos jovens – de vários países estão trilhando ao longo desses anos acreditando firmemente na Economia de Comunhão. E também procurando oferecer, para o seu desenvolvimento, a própria inteligência, questionando-se sobre alguns aspectos que a caracterizam, mas também compartilhando com outros estudiosos e com outros atores do projeto (empresários, administradores, consultores...) para compreender, a partir da Comunhão e na Comunhão, confirmações encorajadoras, estímulos para aperfeiçoarem-se em suas reflexões, luzes para novos caminhos a serem percorridos.

De 23 a 25 de abril, realizou-se em Castelgandolfo (Itália) um seminário de estudo e reflexão sobre a EdC com o título: «A Economia de Comunhão hoje: perspectivas e desafios culturais». As reflexões oferecidas no âmbito do seminário tocaram, em várias sessões, as finalidades do projeto EdC, sob a ótica de uma chave de leitura de diferentes disciplinas que tratam da questão econômica. Neste número apresentamos algumas sínteses.



John McNerney, professor de Ética da Administração na Universidade de Dublin, na sua apresentação, ressaltou como a proposta da Economia de Comunhão, pela sua característica antropológica e filosófica, usa de uma visão nova ao tratar da questão da pobreza. Uma nova ética administrativa se concretiza no fato de que as empresas podem constituir um válido instrumento não só para aliviar imediatamente a situação de pobreza, mas também oferecer a possibilidade de desenvolvimento, criando condições para que o pobre possa ser co-protagonista da própria emancipação, por meio do trabalho e também participando da criação de novas iniciativas empresariais.

Chiara Possia, jovem economista de Pádua, no seu discurso, tratou do tema da pobreza e, de modo particular, do dilema do samaritano; aquele que normalmente conhecemos como o problema de dar o peixe ou ensinar a pescar. A questão é evitar que os pobres, uma vez ajudados, possam tornar-se dependentes do doador. A sua análise ressaltou como a maior parte dos estudiosos chegou à conclusão de que o resultado do altruísmo é a dependência. No que se diferencia a Economia de Comunhão? Há um “algo a mais” caracterizado pela “pro-



ximidade” porque «a comunicação recíproca das dificuldades, dos esforços, dos resultados, da alegria permite dar um caráter mais pessoal à ajuda». Mas principalmente em vistas de uma expansão da intervenção da EdC, será necessário que se coloquem ao lado das pessoas que até agora distribuíram as ajudas, organizações como a AMU, que possam manter o relacionamento de proximidade de modo que além de ensinar a pescar se ensine a partilhar o que foi pescado, colocando à disposição as próprias capacidades.

Etienne de Villemeur, economista da Universidade de Toulouse, procurou demonstrar como Economia e Ética devem caminhar juntas, de braços dados. Esta necessidade resulta particularmente importante na busca do “bem comum”. «Nesta perspectiva, o projeto da Economia de Comunhão adquire um significado especial. A empresa não é um elemento passivo de um grande mecanismo rígido e cego, o “sistema econômico”, mas ator protagonista e as pessoas que nela atuam podem, juntas, fazer o bem, não fora da esfera econômica, mas dentro dela. E se não se aceita tudo o que deriva do funcionamento da economia como um mal necessário, não se rejeita sequer enfrentar o mundo real com as suas con-





tradições, empenhando-se, portanto, em transformá-lo a partir do seu interior.

A apresentação de **Alessandra Smerilli**, doutora de pesquisa em Economia, pela Universidade La Sapienza, de Roma, fala da cooperação e do *we-thinking* (pensar junto). Partindo do pressuposto que o clima que se vive dentro da empresa constitui o «algo a mais e ao mesmo tempo um dos elementos mais essenciais de uma empresa EdC» considera algumas problemáticas inerentes a este aspecto vinculando-o com as metodologias da Teoria dos Jogos. «Para fazer empresas novas – afirmou – são necessários homens novos e idéias novas, mas também as técnicas organizacionais devem refletir esta novidade, de outro modo pode-se correr o risco de destruir, sem querer, o capital relacional que é o distintivo de uma empresa EdC».

Foi justamente sobre estudo das técnicas de governo em um caso concreto que falaram dois estudiosos espanhóis, especialistas em administração: **Miguel García-Cestona** e **Jordi Surroca**. A partir da experiência das cooperativas bascas de Mondragon, os autores confrontaram os sistemas de incentivo e de gestão em relação a uma clássica empresa capitalista. Eles ressaltaram como a ampliação

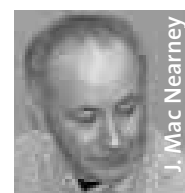
dos objetivos empresariais além do lucro – o que também a EdC procura fazer – exige uma rigorosa elaboração e experimentação de mecanismos apropriados de governo e incentivo. No caso de Mondragon, a experiência parece ter tido sucesso, e isso, com o devido aprofundamento, pode servir de encorajamento também para a EdC.

Do Brasil, o professor **Roberto Cintra-Martins**, em um trabalho conjunto com Heloísa Helena Borges Q. Gonçalves e Maria das Graças Gomes de Azevedo Medeiros, enfrenta os muitos desafios teóricos e práticos que a EdC coloca. De modo especial, se detém nos métodos que a engenharia industrial pode colocar no campo para melhorar a distribuição das ajudas aos pobres, a organização e a gestão das empresas EdC e a integração dessas em pólos industriais.

Caterina Mulatero, especialista em ética social, tratou do tema do sentido do trabalho. Partiu de um discurso de Chiara Lubich, proferido no congresso EdC de 2004, centralizando a atenção no significado do trabalho na vida do homem e na contribuição que o carisma da unidade pode dar: «o trabalho visto, compreendido, vivido como *amor*». Nesta perspectiva o trabalho não tem um valor unicamente

instrumental, mas tem em si mesmo a sua justificação, a sua motivação, justamente como o amor. Ademais, é possível entrever nele a dinâmica trinitária «também no fato de que quem trabalha, trabalha sempre e de alguma maneira *com os outros, para os outros, por meio dos outros e graças aos outros*», colocando em relevo a influência desta concepção na possibilidade de orientar a organização empresarial e de tornar o trabalho uma atividade plenamente humana e humanizadora.

O primeiro resultado evidente do seminário de Castelgandolfo? Ressaltar que aos poucos está se realizando o encontro, a ancoragem entre o novo que traz a Economia de Comunhão à “tradição”, ao que há de melhor no patrimônio das nossas disciplinas. Uma ancoragem que, por um lado, pode garantir a necessária solidez teórica do novo; por outro, a possibilidade de construir pontes de diálogo autêntico com todos. Levar-nos a entrever nas águas muitas vezes agitadas da Economia e da Administração as rochas firmes que começam a despontar e que formam a base sólida daquele cais que, com a ajuda de todos, vai emergir sem demora. Pelo menos esta é a íntima e alegre impressão de quem participou do seminário. Perguntem aos homens do mar.



J. Mac Nearnay



C. Possia



E. de Villemeur



A. Smerilli



M. García-Cestona



R. Cintra-Martins



C. Mulatero

Sinais de comunhão no pensamento empresarial

A PROFECIA DE BARNARD

Giampietro Parolin

Administrar uma empresa procurando introduzir lógicas de gratuidade, de fraternidade, de comunhão ao lado das conhecidas formas da economia, exige, além da coragem e da audácia, a necessidade de repensar ou pelo menos rever criticamente os fundamentos da ciência da administração.

Desta constatação surgiu um projeto de pesquisa que me envolveu, junto com Giuseppe Argiolas, pesquisador da Universidade de Cagliari. O encontro de Castelgandolfo nos deu a possibilidade de apresentar e discutir os primeiros resultados da pesquisa que se baseiam no conhecimento do pensamento de alguns estudiosos, do início do século passado aos dias de hoje. Os resultados são muito encorajadores.

Muitos de nós têm diante dos olhos a nítida imagem do operário que acaba no meio das engrenagens na obra-prima de Chaplin, *Tempos Modernos*. Estamos em pleno fordismo com a sua enérgica busca de eficiência alimentada pelas idéias revolucionárias de Frederick Winslow Taylor. Embora diante do indubitável resultado produtivo, a visão de homem de Taylor não dá margens para dúvidas: «os homens deixados a si mesmos são a plebe». Daqui emerge a necessidade de dotar-se da organização científica do trabalho que define de maneira precisa e detalhada as tarefas e funções, chegando aos paradoxos de *Tempos Modernos*.

No entanto, no mesmo período histórico, uma voz fora do coro propôs soluções, pode-se dizer, proféticas. É o caso de **Chester I. Barnard**, que em pleno taylorismo fala de “condições de comunhão”. Não pode escapar a clara consonância com a Economia de Comunh[ao], sobretudo quando Barnard define estas condi-

ções, isto é, este sentir-se à vontade nos relacionamentos sociais que às vezes é chamado de solidariedade, integração social, sociabilidade ou segurança social, (no sentido original, não no seu atual sentido econômico depreciado).

Um outro aspecto surpreendente para a época é que de Barnard tem uma visão da empresa muito ampla, que não considera apenas os trabalhadores da empresa, mas envolve sem distinção os funcionários, administradores, acionistas, clientes, fornecedores, todos considerados de maneira igual como membros colaboradores. É claro o quanto esta visão antecipa, mas também supera, a concepção sobre responsabilidade social da empresa e sobre a teoria dos *stakeholders*.

Naturalmente Barnard não nega que os atores econômicos podem tomar decisões baseadas no cálculo racional, mas frisa de modo totalmente novo que esses cálculos não são utilitaristas, mas inspirados em sentimentos morais e por convicções profundas.

Ao longo de um século foi-se afirmando o que hoje chamamos de a *economia do conhecimento*, sobre a qual **Enzo Rullani** desenvolveu uma profunda análise. O estudioso italiano ressaltou duas características que parecem particularmente interessantes para nossa pesquisa. A primeira trata da questão da partilha. A economia do conhecimento produz valor tanto quanto se desenvolve a partilha do próprio conhecimento.

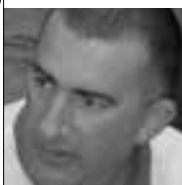
A segunda característica trata do universo dos significados. Citando Rullani no capitalismo moderno «consumidores, trabalhadores, empresários têm sobretudo a necessidade de significados pessoais, que surgem de experiências únicas, não orientadas ao dinheiro,

mas ao sentido»; tanto é verdade que se fala também de *economia das experiências*. Eis então que a partilha não está ligada somente ao conhecimento instrumental para produzir bens e serviços, mas também à *construção de significados*.

Isto explica a razão pela qual iniciativas de partilha e formas de organizações por processos, não são apenas uma moda, mas experiências que respondem às necessidades das pessoas que nas organizações atuam além dos desafios que a esfera econômica impõe.

O que foi afirmado acima, obriga a repensar também o processo democrático nas organizações. Nesta direção move-se o estímulo de **Stefano Zamagni**, que propõe para as empresas civis (das quais as empresas EdC são uma significativa expressão) atuarem o *democratic stakeholding*, isto é, implementar sistemas de governança nos quais todos os sujeitos estão em condições de discutir e deliberar sobre questões que dizem respeito aos próprios interesses na relação com a empresa, partilhando direitos e deveres. Este é um desafio muito trabalhoso, para o qual não existem receitas prontas, mas um paciente experimento a ser realizado gradualmente para evitar riscos de paternalismo ou de assemblearismo, valorizando a contribuição de cada um no respeito das funções e da responsabilidade que podem mudar no tempo.

Ao lado da contribuição profética de Barnard, pode-se entrever uma tendência que cada vez mais valoriza a pessoa em todas as suas dimensões. Tudo isso nos parece especialmente valioso para o desenvolvimento da EdC e, de modo especial, para o desenvolvimento da sua típica cultura da empresarial.



23 NOVAS TESES

Antonella Ferrucci

São mais de 240 as teses de conclusão de curso que tratam da EdC, das quais recebemos notícias. Dessas, mais de 180 foram colocadas à disposição pelos autores na nossa página web www.ecodicom.net. Nos últimos meses recebemos 23 teses, das quais apresentamos uma síntese sumária. Um número record, que demonstra o crescente interesse sobre o tema da cultura da Economia de Comunhão.

Trata-se de 15 teses elaboradas na conclusão de cursos de graduação, seis, de mestrado e duas de doutorado: em Contabilidade, do Dr. Luiz Antonio Brandalize, na USP, e em Engenharia de Produção, de Heloísa Borges Quaresma, do Rio de Janeiro.

Não apenas as teses de doutorado, mas a maioria das outras teses chegaram do Brasil; sete foram elaboradas na Itália e uma na Argentina. A maior

parte trata-se de pesquisa no campo da Economia Empresarial, seguida da Economia Política, Engenharia de Produção, Direito, Psicologia e Comunicação.

Os temas mais abordados são sobre os relacionamentos de trabalho dentro da empresa, com referência à centralidade da pessoa e à mensagem cultural que caminha na direção de um desenvolvimento sustentável.

Neste período recebemos também a notícia da outorga ao Dr. Salvatore Leonardi, de Palermo, do Prêmio de Formatura em memória de Giovanni Marra, do município de Milão, graças a apresentação da sua tese de formatura no concurso, cuja participação foi noticiada no número 22 da nossa revista. Publicamos ao lado a motivação com a qual lhe foi entregue o prêmio.

O Município de Milão

Confere o Prêmio de Formatura em memória de Giovanni Marra ao Dr. Salvatore Leonardi

«Com a sua atenta análise sobre “A teoria econômica entre racionalidade, felicidade e relacionalidade: uma pesquisa sobre a centralidade da pessoa no âmbito do Projeto Economia de Comunhão” Salvatore Leonardi não só mereceu o “Prêmio Giovanni Marra”, mas conseguiu colher o espírito desta iniciativa dedicada a uma pessoa que soube, sempre, conjugar o empenho profissional com o empenho humano. Apesar de tratar de um tema aparentemente pouco inclinado à espiritualidade, como é o campo do trabalho, o autor demonstrou como só um ambiente de trabalho modelado na centralidade da pessoa torna mais felizes e como tal felicidade aumenta a produtividade.

É o Projeto Economia de Comunhão – explica na sua tese Salvatore Leonardi – que surgiu de uma original inspiração de Chiara Lubich. É também o critério sobre o qual Marra desejou desenvolver a própria vida, tivesse sido ela vivida nas funções institucionais ou em favor dos necessitados e dos mais pobres»

Milão, 12 de maio de 2006

O Prefeito

Gabriel Albertini

Convido todos os que fizeram suas teses sobre a EdC a participarem de concursos, porque temos a experiência de que assuntos tratados mais de uma vez são vencedores. Concluo convidando todos os que refletem sobre este projeto a nos mandar a própria tese, para que seja compartilhada com muitas pessoas por meio da nossa página. É simples fazê-lo: basta preencher o modelo de abstract à disposição na página www.ecodicom.net e mandá-lo junto com os arquivos da tese para o e-mail

Arquivo mundial das teses de EdC:

Antonella Ferrucci
c/o Prometheus Srl
Piazza Borgo Pila 40
16129 Gênova
tel +39/010/5459820 – 5459821
(segunda-feira e quarta-feira, das 10h às 13h)
e-mail:
antonella.ferrucci@prometh.it

As teses colocadas à disposição pelos autores podem ser consultadas na página www.ecodicom.net. A página em quatro línguas pode ser consultada na seção “news ed eventi” para estar sempre informados sobre todos os eventos relativos à EdC, e em todas as outras seções para obter bibliografia, dados, estatísticas, artigos e muito mais.



Jussara de Freitas Varela

e-mail: jussarafv@yahoo.com.br

Diploma em Ciências
da Administração
Universidade Federal
do Rio Grande do Norte
16 de setembro de 2003

Língua:
português

Tese: Análise da Dinâmica Estratégica de Empresas de Economia de Comunhão*Orientador: Prof. Mauro Lemuel Alexandre*

A EdC é um novo modo de agir dos empresários que decidem partilhar o próprio lucro. A pesquisa demonstra que os empresários agem dessa forma não somente para melhorar a vida de seus funcionários ou de uma parte da sociedade dividindo igualmente o lucro, mas também para demonstrar que com esta cultura empresarial pode-se agir e sobreviver no mercado. Independente desta nova visão estratégica, as empresas que foram analisadas atuam respeitando os valores essenciais do projeto, como o respeito à pessoa, o bem-estar dos trabalhadores, o relacionamento com todo; e resultaram ativas, competitivas e dinâmicas.

**Luiz Antonio Brandalize**

e-mail: branda@brturbo.com

Doutorado em Contabilidade
Universidade de São Paulo
25 de setembro de 2003

Língua:
português

Tese: A utilização do lucro nas empresas de Economia de Comunhão*Orientador: Dr. Sérgio de Ludícibus*

Nos países em via de desenvolvimento, nos quais o desequilíbrio entre a renda de poucos e a de muitos é muito evidente, a nova forma de destinar o lucro proposta por Chiara Lubich no projeto EdC pode tornar-se um importante fator de distribuição de renda.

O projeto EdC coloca a pessoa no centro e, modificando a finalidade do lucro, amplia os objetivos da empresa para contribuir com uma transformação de mentalidade e de cultura.

O estudo analisa, sob o perfil contábil, esta diferente forma de distribuição do lucro à luz da legislação societária, e portanto, confronta a situação contábil de empresas EdC com empresas tradicionais do mesmo setor, demonstrando que apesar do diferente destino do lucro, elas estão em condições de manter a própria posição no mercado.

André Carlo Ferreira da Silva

e-mail: andrecarlo@zipmail.com.br

Diploma em Economia
Universidade Federal do Rio
Grande do Norte
dezembro de 2003

Língua:
português

Tese: A economia de Comunhão na Liberdade: uma experiência de economia solidária*Orientador: Prof. Eduardo Kaliniewicz*

No âmbito da Economia Social, que em reação às exclusões e desigualdades vinculadas à economia capitalista está orientada à criação de postos de trabalho, torna-se em consideração a Economia de Comunhão, implantada no mundo inteiro pelo Movimento dos Focolares.

Analisa-se o desenvolvimento no intervalo de tempo que vai de 1991 a 2000 e se demonstra a validade da criação de postos de trabalho e de recursos em um mercado mundial competitivo, ressaltando a importância para os trabalhadores, os empresários e também para os governos, dada a ênfase que a EdC dá à legalidade fiscal e à promoção do desenvolvimento econômico.

**Dimas Otaviano Noronha**

e-mail: dimasnoronha@uol.com.br

Mestrado em Ciências
Contábeis
Faculdade de Administração de
Empresas do Estado de São Paulo
- FAESP/IPCA
2 de janeiro de 2004

Língua:
português

Tese: A pequena empresa e a responsabilidade social: consequências internas*Orientador: Dr.ª Soraya Abdul Nour*

No Brasil, as pequenas empresas têm uma importância relevante, porque representam 80% da atividade produtiva. O estudo demonstra como as pequenas empresas que adotam uma postura socialmente responsável, seja em relação aos trabalhadores, seja em relação ao ambiente em que atuam, adquirem as condições de durar no tempo porque atraem os talentos necessários para alcançar seus objetivos e estão em condições de estabelecer relações duradouras, contribuindo na construção de uma sociedade mais justa.

Jorge Leandro Delconte Ferreira

jlferrera@pr.sebrae.com.br

Mestrado em Ciências da Administração
Universidade Federal do Paraná
27 de janeiro de 2004

Língua:
português

Tese: **Racionalidade e dimensões organizacionais: análise comparativa entre uma empresa de Economia de Mercado e uma empresa de Economia de Comunhão**

Orientador: Prof. Clóvis Luís Machado da Silva

Avaliando a documentação interna, os reconhecimentos obtidos pelas empresas e com entrevistas aos seus diretores, analisa-se as diferenças estruturais, tecnológicas, culturais e estratégicas de duas organizações do mesmo setor, uma tradicional e outra que adere ao projeto EdC.

Conclui-se que a empresa EdC – muito flexível e atenta às estratégias – não rompr com o modelo tradicional de organização, mas o aprimora, sobretudo na esfera da estrutura e da estratégia.



Cíntia Miranda Vieira

e-mail: cindi-vieira@yahoo.com.br

Diploma em Psicologia
Universidade de Fortaleza
Centro de Ciência Humanas
30 de junho de 2004

Língua:
português

Tese: **O trabalho como espaço de construção da subjetividade: experiências femininas nas empresas EdC**

Orientador: Dr. Clerton Martins

Após expor a evolução do significado do trabalho para o homem na história, a tese trata do tema da subjetividade aplicado às organizações e apresenta o caso de estudo do projeto de Economia de Comunhão, analisado mediante pesquisa de caráter qualitativo, confrontando experiências de vida na esfera do tema examinado. Por meio desses depoimentos, verifica-se como a experiência de trabalho nas empresas EdC contribui de maneira considerável na edificação da subjetividade humana.



Cíntia Pizzarolo Lana

e-mail: cintialana@yahoo.com.br

Diploma em Direito
Universidade Federal do Espírito Santo
3 de setembro de 2004

Língua:
português

Tese: **A função social da propriedade e a sua eficácia no projeto EdC**

Orientador: Dr. Daury Cesar Fabriz

A constituição Federal brasileira declara o princípio da função social da propriedade: este estudo apresenta o projeto EdC como experiência concreta que contribui para esclarecer o conceito de função social da propriedade. É considerado o caso da FEMAQ S/A como protagonista na luta contra as desigualdades da sociedade contemporânea, assumindo com coragem novos caminhos para o desenvolvimento da comunidade humana.



Maria Helena Fonseca

e-mail: mhlele@onda.com.br

Diploma em Direito
Faculdade de Direito de Curitiba
21 de outubro de 2004

Língua:
português

Tese: **O princípio da dignidade da pessoa e os princípios da organização econômica: adequação dos agentes econômicos para a Economia de Comunhão**

Orientador: Prof. José Carlos Cal Garcia Filho

A constituição Federal Brasileira declara que a atividade econômica deve garantir a todos uma existência digna e relaciona os princípios que devem ser observados para torná-la possível. Esta tese pretende ressaltar a predominância do Princípio da Dignidade da Pessoa Humana também na atividade econômica, na qual a pessoa em vez de estar no centro, tornou-se um instrumento. O projeto EdC oferece um modelo concreto de empresa que, embora respeitando as exigências da competitividade da economia de mercado, coloca a dignidade da pessoa na base do comportamento econômico.



Salvatore Gabriele Barrale

e-mail: sg.barrale@tin.it

Diploma em Economia e Comércio com especialização em Economia empresarial
Universidade dos Estudos de Palermo
4 de novembro de 2004

Língua:
italiano

Tese: **A Economia de Comunhão (EdC): aspectos e problemas para uma nova cultura empresarial**

Orientador: Prof. Cesare Piacentino

A cultura do dar, alicerçada na lei evangélica do amor mútuo, veiculada entre a vida empresarial, contribui na mudança de mentalidade das pessoas que com ela se colocam em relação, gerando uma ordem sócio-econômica mais justa e solidária, numa medida humana. Os agentes sociais, por meio da empresa, portanto, farão o bem não apenas individualmente, mas de forma estruturada e coletiva. Até que o que foi dito se concretize, precisa potencializar ao máximo, dentro das empresas EdC, a comunicação e o amor entendidos como amizade, evitando que um trabalhador não saiba que trabalha em uma empresa EdC. Este é o caminho para atuar uma comunhão de intentos no interior da empresa, gerando coesão.





Márcia Sutil

e-mail: marciasutil@prodiet.com.br

Diploma em Ciências da Administração
UnifAE- Business School - Curitiba
20 de novembro de 2004

Língua:
português

Tese: A análise das estratégias de mercado da Pró-Diet Farmacêutica Ltda

Orientador: Prof. Marcos Kahtalian

A análise das estratégias de mercado da empresa em questão leva à conclusão que a adesão aos princípios de justiça social e de comportamento ético próprios da EdC permite alcançar uma maior competitividade. Embora atuando em um mercado não sujeito a comportamentos éticos, a Prodiet firmou-se como empresa de sucesso em um setor – o da distribuição de remédios, no qual muitas empresas se encontram em dificuldades – com o aumento do seu faturamento.



Ivan Sidney Dallabrida

e-mail: ivansd@tpa.com.br

Mestrado em Administração de Empresas e Desenvolvimento Sustentável
Universidade Regional de Blumenau - FURB (Brasile)
14 de dezembro de 2004

Língua:
português

Tesi: Novas formas de atuação empresarial na construção do desenvolvimento sustentável: contribuições de um estudo comparativo entre experiências de responsabilidade social, empresarial e de Economia de Comunhão

Orientador: Prof. Carlos Alberto Cioce Sampaio

A tese pretende analisar a dimensão do Desenvolvimento Sustentável presente nas empresas que aderem ao RSI e ao projeto EdC para ressaltar os aspectos congruentes com a tentativa de superar o modelo da racionalidade econômica utilitarista dominante. Foram escolhidas duas empresas que correspondem aos requisitos da pesquisa, ambas do setor mecânico, que atuam em Santa Catarina. A análise, feita por meio de documentação e entrevistas a pessoas chave, ressaltou que em tais empresas a racionalidade econômica utilitarista é superada e enriquecida por uma outra racionalidade de caráter ético, levando ao surgimento de uma racionalidade mais equilibrada.



Caélison Lima de Andrade

e-mail: caelison@bol.com.br

Diploma em Economia
Universidade Federal do Acre
3 de fevereiro de 2005

Língua:
português

Tese: Projeto Economia de Comunhão na Liberdade: doze anos de uma experiência peculiar de economia solidária

Orientador: Prof. José Porfirio da Silva

A tese estuda o projeto EdC como uma das alternativas úteis para sanar os desequilíbrios causados pelo presente modelo de capitalismo. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica, foram feitas visitas às empresas e entrevistas aos empresários e trabalhadores de empresas EdC, concluindo-se que existem experiências válidas e concretas, capazes de contribuir na construção de um mundo melhor.



Andreza Daniela Pontes Lucas

Diploma em Engenharia de Produção
Universidade Federal de Pernambuco
5 de março de 2005

Língua:
português

Tese: Uma análise da gestão da produção nas empresas EdC

A tese analisa sob o perfil da engenharia de produção o caso de estudo da Policlínica Ágape no que se refere ao processo de adesão ao projeto e aos requisitos necessários. A pesquisa ressalta que, como as outras empresas EdC, também a Policlínica Ágape, muitas vezes deve enfrentar dificuldades ligadas justamente à postura fundamentada nos valores do projeto EdC; apesar disso, também ela é continuamente e em grande escala mantida por um “capital imaterial” que não aparece no balanço, mas que é resultado de relacionamentos de confiança que foram construídos.

Luigi Pagliacci

e-mail: l.pagliacci@libero.it

Nestrado em Economia Empresarial
Universidade dos Estudos de Bolonha
22 de março de 2005

Língua:
italiano

Tese: A empresa de Economia de Comunhão em economia empresarial: Pólo Lionello e aplicações ao turismo

Orientador: Prof.ssa Maria Gabriella Baldarelli

O objetivo da tese é ressaltar as diferenças que se verificam na esfera contábil entre a EdC e as empresas tradicionais, de modo especial no setor do turismo. A pesquisa se realizou por meio de entrevistas aos responsáveis do Pólo Lionello, de Incisa Val'Arno e aos responsáveis pela agência de viagens Arezzo Più. Conclui-se que a EdC é um processo econômico novo, moderno, aplicável a quase todos os setores econômicos, que exige uma especial organização e atenção do administrador; no plano contábil, são utilizados métodos inovadores de controle e contabilidade, ligados aos princípios que estão na base do projeto.

Heloísa H. Borges Quaresma

e-mail: heloborgesqg@uol.com.br

Doutorado
em Engenharia de Produção
Universidade Federal do Rio de Janeiro - Instituto Alberto Luis Coimbra- (Brasile)

31 de março de 2005

Língua:
português

Tese: **A experiência dos pioneiros da Economia de Comunhão na Liberdade no primeiro decênio no Brasil. Absurdo e Graça da mudança de mentalidade do empresário**

Orientador: Prof. Roberto Cintra Martins

A tese oferece uma avaliação qualitativa dos primeiros dez anos de experiência dos pioneiros da EdC no Brasil: progressos, contradições, tensões e limites são analisados como dimensões correlatas com a proposta de Chiara Lubich de viver o amor recíproco na empresa.

Os resultados mostram a EdC como forma de organização econômica e socio-política em desenvolvimento, diferente das outras experiências de inclusão na dinâmica da empresa, e capaz de oferecer uma nova compreensão do lucro e das relações de produção. Ainda demasiadamente concentrada no plano micro e no interior do Movimento dos Focolares, a prática da EdC exige uma mudança cultural não ainda generalizada e por isso ainda não pode ser colocada como um modelo que substitua o capitalismo.



Ignazio Amore

e-mail: ignazioamore@hotmail.it

Diploma em Economia
Empresarial
Universidade dos Estudos de Catânia

27 de julho de 2005

Língua:
italiano

Tese: **Relacionalidade e Economia: de Adam Smith à Economia de Comunhão**

Orientador: Prof.ssa Giovanna Acciarito

No primeiro capítulo da tese são aprofundados os fundamentos teóricos que estão na base do projeto EdC, partindo, justamente, do pensamento de Adam Smith e do conceito de sympathy, entendido como relação, elemento fundamental para cada tipo de relacionamento humano compreendido como econômico. A seguir, a "relação simpática" é explicada como principal fonte de bem-estar e de felicidade e é focalizada a relação inversa entre renda e felicidade. É ressaltada, portanto, a peculiaridade das empresas EdC, o conceito de relacionalidade como fundamento da ação econômica na gestão da empresa e, por fim, é lançada a proposta de um modelo de organização empresarial que surge justamente da experiência da EdC e da relacionalidade.



María José Mescolatti

e-mail: majito935@yahoo.com

Diploma em Economia
Empresarial
Universidade Nacional de Cuyo (UNCu) – Mendoza (Argentina)

2 de agosto de 2005

Língua:
espanhol

Tese: **Análise das relações trabalhistas na EdC**

Orientador: Prof. Pedro A. Marsonet e Prof. Roberto Latorre

O objetivo deste trabalho é analisar os valores relacionais – confiança, reciprocidade, justiça, igualdade, amizade – que são gerados entre patrões e empregados nas empresas EdC, normalmente não considerados na análise econômica tradicional. Considera-los não implica apenas uma mudança de perspectiva, mas também a possibilidade de melhorar a eficiência na esfera do trabalho, enriquecendo a atual visão antropológica, não só em economia. Nesse contexto, as empresas EdC, que convivem com outras organizações na economia de mercado, tendem à criação e à formação de pessoas novas atentas a esses vínculos relacionais.



Renata Geórgia Motta Kurtz

e-mail: renatamotta@imagelink.com.br

Mestrado em Ciências da
Administração
Pontifícia Universidade Católica (PUC) Rio de Janeiro

31 de agosto de 2005

Língua:
português

Tese: **Relações interpessoais e aprendizagem organizativa na EdC: o caso Femaq**

Orientador: Prof. Sérgio Proença Leitão

A atual economia de mercado impõe às empresas uma grande capacidade de adaptação às exigências do mercado. O mais difícil, mas também o mais importante, em relação ao aprendizado, não é limitar as oportunidades organizativas à estreita visão instrumental do trabalho. O aprendizado promove também transformações nas organizações, alargando sua criatividade e capacidade de inovação. Os estudos relativos às empresas EdC mostram que o modo mediante o qual as relações interpessoais e interorganizativas são conduzidas, constitui uma das características identitárias do projeto. As conclusões alcançadas confirmam que a qualidade da relacionalidade favorece as tarefas e os comportamentos de cooperação na empresa.



Domingos Dirceu Franco

e-mail: domifranco@hotmail.com

Diploma em Economia
Faculdade de Ciências Econômicas de Apucarana

29 de novembro de 2005

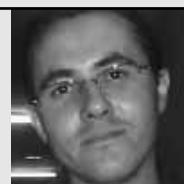
Língua:
português

Tese: **Uma abordagem histórico-econômica do desenvolvimento sustentável e a contribuição da Economia de Comunhão**

Orientador: Prof. Tânia Rissa de Souza

Também as Conferências das Nações Unidas ressaltam que o Desenvolvimento Sustentável é a resposta para os problemas da degradação ambiental, da escassez dos recursos naturais e da pobreza. Para torná-lo, porém, realizável, são necessárias uma nova mentalidade e cultura.

Uma pesquisa realizada junto à FEMAQ S/A, que adere ao projeto EdC, oferece elementos para concluir que a cultura que está na base da EdC é adequada para um Desenvolvimento Sustentável.





Elena Zubani

e-mail: elezubi@hotmail.com

Diploma em Economia
Universidade dos Estudos
de Brescia

19 de dezembro de 2005

Língua:
italiano

Tese: O Projeto “Economia de Comunhão”: características e efeitos

Orientador: Prof. Carlo Scarpa

Depois de ter analisado profundamente a bibliografia sobre o projeto EdC também por meio de diálogo com alguns empresários, constata-se que onde se atua seguindo os princípios éticos, melhorando a qualidade empresarial e os relacionamentos no interior da empresa bem como no seu exterior. Embora tenha resultado um percurso ainda grande a ser trilhado, a análise ressalta que se a idéia de uma economia solidária, como a proposta pela EdC se difundisse, poderia ser amplamente aplicada, com grande benefício para a conjuntura mundial.



Francesco Carlotti

e-mail: maceeli@hotmail.com

Diploma em Comunicação
Pública
IULM de Milão

3 de março de 2006

Língua:
italiano

Tese: Perfil da comunicação na empresa de Economia de Comunhão

Orientador: Prof. Stefano Rolando

O objetivo da tese é analisar como as empresas que pertencem ao projeto EdC conseguem comunicar sua escolha ideal e envolver também quem não conhece o espírito que as motiva. Constatou-se que nas empresas que desenvolveram suas atividades envolvendo pessoas externas ao projeto, a comunicação é rara e complicada; muitos trabalhadores não conhecem o projeto EdC: embora os empresários partilhem o lucro, praticar uma gestão baseada na cultura do dar se torna difícil. No caso, em vez, da ECIE de Lainate, que acreditando na possibilidade de envolver realmente todos os colaboradores, apoiou-se no estudo de consultoria Raibow, a escolha EdC foi comunicada com sucesso. A EdC e a cultura do dar conseguirão ultrapassar as fronteiras do Movimento dos Focolares?



Caterina Del Po

e-mail: c.delpo@libero.it

Diploma em Economia e
Administração
Universidade Gabriele d'Annunzio
di Chieti-Pescara

7 de abril de 2006

Língua:
italiano

Tese: A importância da comunicação para uma moderna gestão empresarial: uma experiência concreta na Economia de Comunhão

Orientador: Prof. Antonio Zappi

A comunicação tornou-se um elemento indispensável para qualquer organização empresarial, mas assume um valor essencial na realidade da Economia de Comunhão, tanto é verdade que os relacionamentos com todos os stakeholders são considerados como “ocasião de encontro autêntico entre pessoas”. Por meio de pesquisa desenvolvida em uma agência de seguros do Grupo Fondiaria-Sai, que adere à EdC, constatou-se que todos os operadores da agência analisada consideram a comunicação como um fator fundamental, que caracteriza positivamente o aspecto organizacional da empresa, seja nas relações internas, seja nas relações externas.



Paolo Bartolacci

e-mail: paolo_bartolacci@yahoo.it

Diploma em Economia
Empresarial
Universidade Comercial
“Luigi Bocconi” de Milão

7 de julho de 2006

Língua:
italiano

Tese: Relação entre ética e empresa: a novidade da Economia de Comunhão

Orientador: Dott. Mario Minoja

O trabalho explica o conceito de aproximação ética no contexto empresarial, passando depois a descrever as origens e os pontos cardeais na nascente Teoria Econômica de Comunhão, apresentando alguns paralelos com a teoria econômica tradicional. Como suporte do conteúdo teórico, é apresentado um caso empresarial, o da empresa S.S.D. S.r.l., de Milão, por meio de uma entrevista ao administrador e dados contábeis da sociedade, que permitiram a análise da performance empresarial. Demonstrou-se que também as transações econômicas, como todos os fenômenos de caráter social, pressupõem e se reforçam por meio da construção de relações duradouras que, no caso específico, chegam até o ponto de considerar o dom e a reciprocidade como valores fundamentais de cada relação econômica e não econômica. A Economia de Comunhão representa, portanto, um exemplo de como um ideal de justiça e de comunhão possa trazer resultados superiores à expectativa e que, com uma atenta evolução de tal cultura, espera-se que no futuro atraia ainda mais estudiosos e economistas.

CARTAS AO DIRETOR

Alberto Ferrucci

Bolsas de estudos para o Instituto Superior de Cultura

Caro diretor, por meio desta carta, venho agradecer aos empresários de EdC e todos aqueles que com coragem acreditam nesse projeto! Sou apaixonada pelo tema da EdC desde o seu surgimento, e alguém poderá rir se confesso que na época tinha apenas 12 anos.

Com certeza foi um dos motivos que me impulsionaram a estudar Economia.

Enquanto frequentava a faculdade, recebi o convite para participar do Instituto superior de Cultura, então no seu primeiro ano de vida, e ainda me lembro da emoção vivida por alunos e professores por poder contribuir no surgimento de um espaço de cultura que, justamente por ser inspirado na comunhão, não poderia deixar de ser novo no método e no conteúdo.

Esta experiência, de fato, colocava em questão a nossa idéia de universidade: o aspecto central não era mais somente o estudo, mas saber aplicá-lo em uma vida de comunhão e de amor recíproco em todos os momentos do dia.

A sabedoria não era apenas uma transferência de conhecimento dos professores numa direção unilateral, mas era construída também com a colaboração dos alunos, valorizando as diferentes bases culturais das quais provinham e enriquecendo todos os participantes. As várias disciplinas não lutavam em busca de uma supremacia de uma sobre a outra nem se limitavam a um simples confronto, mas procurávamos compreender a lógica do amor que está por trás de cada uma, que une todas elas.

No meu íntimo, experimentei a sensação de que mente e coração, razão e vida se recompunham em unidade. Ao voltar para casa, o meu sonho era o de escrever uma tese que tratasse

do que, com certeza, é a razão de ser da EdC: os pobres.

Comecei a aprofundar as teorias econômicas sobre a ajuda aos pobres, esperando encontrar algo que me confirmasse a prática da EdC, mas a maior parte dos economistas concordam sobre a ineficácia das ajudas. Pior ainda: concordam sobre o risco do oportunismo por parte dos beneficiados.

No início, sentia tentação de me colocar totalmente contrária a esta corrente de pensamento, para ressaltar a novidade da EdC.

Mas fui ajudada a abordar o assunto com humildade, para captar, a partir da evolução das diversas teorias, o caminho que me conduzia a entender melhor a novidade da EdC e a inseri-la num percurso histórico.

No que tange à distribuição das ajudas, intuí que para evitar o risco do oportunismo é importante que também as pessoas que dão a ajuda sejam “homens novos”, porque isto gera mecanismos de confiança e de reciprocidade nas pessoas que recebem. Por exemplo: quando alguém, além de colocar à disposição seus recursos, vive no mesmo lugar, pode dar um impulso motivacional muito forte para quem recebe se empenhar e colaborar, juntos, para sair da pobreza.

Este esforço de humildade na preparação da tese me deu a possibilidade de compreender no meu pequeno universo a dificuldade que se experimenta para criar um pouco de cultura nova, a cultura que havia visto no seu esplendor no Instituto Superior de Cultura (ISC) e que me havia fascinado.

Pode-se realmente dizer que o ISC foi uma pequena, mas exemplar expressão de formação de “homens novos”!

Com esta experiência, ficou claro que a “terceira parte” do lucro destinado à formação de homens novos é fundamental

para criar e difundir uma nova cultura, mas também para potencializar a distribuição da ajuda aos pobres, até que eles possam sair da situação de pobreza em que se encontram. Por isso, duas vezes obrigada aos empresários EdC!

Chiara Possia (Vicenza)

Acredito que esta sua experiência seja muito útil para quem deseja empenhar-se seriamente na difusão de uma cultura da fraternidade também em economia: para oferecer uma nova perspectiva não basta a crítica superficial ao sistema: seguindo o método de estudo sugerido pelo Instituto Superior de Cultura, é necessário um árduo trabalho, constituído de humildade e escuta das razões de quem, antes de nós, refletiu sobre economia, e de diálogo aberto com eles.

Seria muito importante que jovens estudiosos de várias partes do mundo pudessem fazer a experiência que você fez no ISC, para se tornarem, depois, nos países em que vivem, fontes desta nova cultura.

Você me dá a oportunidade de propor novamente, também neste ano, às pessoas e às empresas amigas da EdC, que financiem a participação no ISC de um jovem de um país do Sul do mundo, por meio de uma bolsa de estudos, enviando 1.500 euros à seguinte conta corrente:

Associação Cultural Sophia
(Via dei Castelli Romani, 83
00040 Rocca di Papa RM
Banca San Paolo
(Filiale di Marino)
CIN: U ABI:1025
CAB: 21900
CC: 1000/1036

